



Imagem: Ana Beatriz Corrêa Lopes Bitencourt - Álcool

## Álcool

**Etimologia:** Palavra que provém do árabe al-kohul, al-kuhul ou al-ghawl, que significa “fino composto utilizado para a maquiagem obtido através da destilação”. A palavra álcool chegou à língua portuguesa por influência dos povos árabes, que consideravam o kohl uma espécie de pó obtido através do processo de destilação do antimônio. A partir do século XVII, este nome passou naturalmente a abranger todos os produtos obtidos a partir do processo de destilação, principalmente as bebidas. Para os árabes – em especial os egípcios, pois supostamente esta técnica teria sido criada por este povo – o kohl era o nome atribuído ao fino e escuro pó de antimônio que as mulheres utilizavam para maquiagem os olhos.

Outras palavras relacionadas com álcool e que estão presentes no dicionário da língua portuguesa, também se originaram a partir desta raiz etimológica, como: alcoolismo e alcoólatra.

### Significados:

1. Substantivo masculino. Química. Qualquer de certos compostos orgânicos, líquidos ou sólidos, que contém o grupo funcional - OH ligado a um átomo de carbono saturado; ex.: etanol, metanol. [Norma para nome sistemático de álcoois simples: alcanol → alcanol; ex.: etano → etanol (cujo nome comum é álcool etílico).]
2. Restritivo. O etanol, líquido incolor, volátil, com cheiro e sabor típicos, obtidos por fermentação de substâncias açucaradas ou amiláceas, ou por processos sintéticos.
3. Espírito
4. **Álcool 70°** (álcool etílico hidratado 70° INPM) é um desinfetante que contém álcool etílico e água (deionizada), ou seja, uma solução aquosa de álcool. A quantidade de álcool pode ser avaliada segundo a fração em volume ou a fração em massa. O Grau GL (° GL) é a fração em volume ou percentual em volume (%v) e o Grau INPM é a fração ou percentual em massa ou em peso (%p). Ressalta-se que GL é a sigla de Gay Lussac e INPM é a sigla de Instituto Nacional de Pesos e Medidas. O álcool 70° é o nome comercial do álcool 70° INPM (70% p/p) ou 77° GL (77% v/v). As soluções hidroalcoólicas em concentrações a 70% de etanol possuem ótimo efeito bactericida, porque desnaturam as proteínas de microrganismos, a água facilita a entrada do álcool para dentro da bactéria ou micro-organismo e também retarda a volatilização dele,

permitindo maior tempo de contato, agindo como um envelope que circunda o agente infeccioso, propiciando a desnaturação de proteínas e estruturas lipídicas nesta região. Ocorrendo a chamada lise celular, o processo de rompimento da membrana plasmática e, conseqüentemente, a morte do vírus.

## O álcool na arte ...



**Baco (c.1595)** é uma pintura do mestre do barroco italiano Michelangelo Merisi da Caravaggio (1571-1610). Está exposta na galeria de Uffizi, em Florença.

A pintura mostra Baco, um jovem reclinado à moda clássica com uvas e folhas de videira em seus cabelos, tocando o cordão de seu roupão frouxamente drapeado. Em uma mesa de pedra a sua frente está uma cesta de frutas e um jarro grande de vinho tinto; com sua mão esquerda, ele oferece ao espectador uma taça rasa do mesmo vinho, aparentemente convidando o espectador a se juntar a ele.

Baco é o deus romano que corresponde a Dionísio na mitologia grega. Baco, filho de Júpiter e a mortal Sêmele, era o deus do vinho e representava a embriaguez, porém também era um promotor da civilização, legislador e amante da paz.

**Veja mais sobre "Baco" em:**  
<https://brasilecola.uol.com.br/mitologia/baco.htm>

### Álcool

*Mário de Sá Carneiro*

Guilhotinas, pelouros e castelos  
Resvalam longamente em procissão;  
Volteiam-me crepúsculos amarelos,  
Mordidos, doentios de roxidão.

Batem asas de auréola aos meus ouvidos,  
Grifam-me sons de cor e de perfumes,  
Ferem-me os olhos turbilhões de gumes,  
Descem-me a alma, sangram-me os sentidos.

Respiro-me no ar que ao longe vem,  
Da luz que me ilumina participo;  
Quero reunir-me, e todo me dissipo ---  
Luto, estrebuchos... Em vão! Silvo pra além...

Corro em volta de mim sem me encontrar...  
Tudo oscila e se abate como espuma...  
Um disco de ouro surge a voar...  
Fecho os meus olhos com pavor da bruma...

Que droga foi a que me inoculei?  
Ópio de inferno em vez de paraíso?...  
Que sortilégio a mim próprio lancei?  
Como é que em dor genial eu me eternizo?

Nem ópio nem morfina. O que me ardeu,  
Foi álcool mais raro e penetrante:  
É só de mim que ando delirante ---  
Manhã tão forte que me anoiteceu.

**Mário de Sá-Carneiro** (1890-1916) foi um poeta português da primeira Geração Modernista, também conhecida como "Geração do Orpheu". Sua obra ocupa lugar de destaque na literatura portuguesa

## Meu Álcool

João Cabral de Melo Neto

Marques Rabelo garantia  
que bêbado era quem bebia  
por se inventar duplo motivo:  
sentir-se invivo ou sobrevivo.

Querer-se lúcido, acordar,  
ser todo o agudo que nele há,  
ser quando está de todo aceso,  
tem o ser na ponta dos dedos.

Ou estar num ser tão extreme  
que ser é insuportavelmente,  
que ser é estar-se num incêndio  
e sentir-se esse incêndio sendo.

Por isso, é que o bêbado bebe:  
porque triste quer ser alegre,  
e bebe porque chega a demais  
a alegria de que ele é capaz.

2

Um pôde achar álcool melhor,  
não tóxico, sem qualquer depois,  
um álcool que não tem veneno  
nem contém amanhã de inferno.

Que, se é preciso, apaga o incêndio  
e se é preciso, vem e acende-o;  
um álcool que possui duas pontas,  
que age a favor como age contra,

nem precisa que alguém lhe diga  
quando dar mais ou menos vida  
(como lâmpada do escritor russo,  
põe o quarto aceso ou escuro).

Mais: que não se bebe, contempla;  
é um álcool para a convivência,

álcool que dá a chama e o sopro com tê-lo ao  
alcance do corpo.

3

Esse álcool não é de vender:

ninguém engarrafou um ser.  
É álcool sem quando, sem ondas,

de perto, ou pelo telefone.

Vê-lo e usá-lo foi de imediato:  
depois de álcoois mais variados,  
da familiar cana de cana  
de suas várzeas pernambucanas,

viajou por outros tão diversos  
(os de Appolinaire, o dos versos)  
que até empregou como bebida  
o fluido ambíguo de Sevilha.

E de nenhum deles renega:  
nem das úlceras que eles legam  
nem da intestina hemorragia  
em hospitais ao fio da vida.

4

Se a um novo álcool se entregou,  
se o vê como álcool superior,  
não foi por causa de conselho,  
prescrição de médico, ou medo.

É que no novo álcool de agora  
pode alcançar mais alta quota  
de álcool na vida, e é mais contínua  
a vida que acende, e seu clima:

um clima mais claro, e tão limpo  
como toalha ou lençol de linho,  
e ao mesmo tempo tão intenso  
de um ser vivo vivendo pleno.

(E isso, só, com a convivência  
de mulher, com a nua presença  
de mulher, que como Sevilha  
é interna-externa, é noite dia.)

**João Cabral de Melo Neto** nasceu em 09 de janeiro de 1920, em Recife. Mais tarde, em 1945, prestou concurso para o Itamarati e se tornou diplomata. Portanto, viveu em diversos países. Contudo, em 1952, quase perdeu o cargo ao ser acusado de subversão. Anos depois, em 1968, foi eleito para a Academia Brasileira de Letras. O poeta, que faleceu em 09 de outubro de 1999, no Rio de Janeiro, fez parte da geração de 1945. Suas obras são caracterizadas pelo rigor formal, temática social e elementos da cultura popular brasileira.

Essas obras corroboram para afirmar que o uso de álcool nas sociedades e culturas ocorre desde os tempos mais remotos. Entretanto, não se pode precisar sua origem exata, mas sua presença constante nos versos, músicas, poesias, pinturas, mitologias, lendas e obras literárias demonstram o quanto essa prática esteve vinculada ao ser humano em suas múltiplas dimensões, ora como veículo de remédios, de perfumes, de expressão artística e intelectual, ora como líquido extasiante capaz de provocar reações de prazer, de esquecimento das tensões, de distinção social e, principalmente, sendo o componente essencial de bebidas consumidas como parte da alimentação, dos ritos religiosos, da alegria e confraternização de diferentes povos ao longo da história da humanidade (SALES, 2010).

## Uma breve história sobre o álcool

Desde a época antiga a contemporânea, conforme Sales (2010), há relatos de povos que conheceram técnicas de produção e uso de algum tipo de bebida alcoólica. Os egípcios, por exemplo, deixaram registrados nos papiros as etapas de fabricação, produção e comercialização da cerveja e do vinho. A primeira fez-se produto fundamental na vida social, religiosa, econômica e nos sistemas médicos das antigas civilizações do Egito e da Mesopotâmia, que a consideravam um presente dos deuses, por sua capacidade mágica de provocar um estado de consciência alterada. No Código de Hamurábi, a civilização babilônica teve a preocupação de regulamentar, nas tabernas, o uso das bebidas e impor medida de coação aos excessos. (FLANDRIN, 1998).

Ainda segundo Sales (2010), o álcool ocupou uma posição de destaque na cultura ocidental. Na Grécia e em Roma o consumo de vinho já era bem difundido e elemento socioeconômico importante nas cidades, bem como religioso, sendo ainda reconhecido e referendado por suas propriedades curativas, usado como energético, cicatrizante, purgativo, antitérmico, calmante, antisséptico, remédio contra doenças crônicas e agudas. O médico grego, Hipócrates, foi o primeiro a reconhecer as propriedades diuréticas do vinho branco, assegurava que não só fortificava, mas alimentava o organismo, indicando que, desde que fosse administrado a propósito e na medida certa poderia ser utilizado tanto na saúde como na doença, advertindo o uso inadequado da substância como predisponente a várias enfermidades: epilepsias, convulsões, febre etc. (FLANDRIN, 1998).

A tradição de uso do álcool se estendeu a Idade Média, de acordo com os estudos de Flandrin (1998). Durante esse período, em conformidade com medicina hipocrática, bebia-se água com o hábito sistemático de misturá-la com vinho, mais do que um sinal de bom gosto, é uma medida de prevenção sanitária, dados os riscos por quem se aventurasse a consumir a água disponível antes do advento dos sistemas de tratamento.

Em um outro contexto, segundo evidências antropológicas e documentos históricos, os ameríndios e africanos faziam uso de bebidas alcoólicas antes da chegada dos colonizadores europeus. Essas bebidas consistiam em fermentados, de produção doméstica e de conteúdo alcoólico em quantidade reduzida. Três principais bebidas eram consumidas na África: o vinho de palma, da palmeira do dendê (o malafo), cujo uso se fazia em diversas circunstâncias como bem de consumo, de troca e ritual, em Angola, por exemplo, o malafo figurava como símbolo de masculinidade e poder político, conforme Alencastro (2000), uma feita da infusão, maceramento de sementes, sorgo e milhetos e os vinhos do mel de abelha (hidromel). Os indígenas, por sua vez, produziam e consumiam uma diversidade de fermentados obtidos de frutas, sementes, raízes, seiva de palmeiras e mel de abelha. Segundo Foucault (2003), o pulque no México, o guarapo e o sinisco, na América Central, a chicha no Peru, a aloja na Argentina e o cauim no Brasil são exemplos dos fermentados produzidos para as celebrações, não havia entre esses povos o consumo cotidiano que dirimiam os ritmos da vida normal, a bebida possuía sempre função grupal, solenidade especial, como em comemoração à colheita e festas sagradas.

Sales (2010) destaca que apesar das especificidades de cada época e contexto, a ingestão de bebidas alcoólicas constitui-se prática convencionalizada por uma série de regras de consumo e comportamento ético próprias de cada cultura, as quais são aprendidas e reproduzidas, e que, geralmente, funcionam como instrumentos para a construção de

identidades, diferenças e controle social do uso do álcool, definindo a forma, como e o momento de beber, priorizando os espaços e as situações adequadas nas quais a bebida é preconizada.

No século XIV, o advento da destilação, na Europa, pelos alquimistas provocou uma revolução, pois não somente surgiram bebidas de elevado teor alcoólico, cerca de 40 a 50%, aos 4 a 12% dos fermentados, conforme Masur (1991), como também, em contraste a situação anterior “seu consumo não possuía as formas coletivas ritualizadas de controle de usos abusivos e de investimento de significados culturais na experiência inebriante” (CARNEIRO, 2005, p. 52).

Os destilados foram introduzidos na América durante o século XVI e XVII. Foi quando também os europeus trouxeram o alambique para esse continente (BRAUDEL, 1970). Segundo o pesquisador, a inserção dos destilados pelos europeus contribuiu para o declínio no consumo das bebidas fermentadas locais não apenas dos ameríndios, mas também dos africanos, a grande oferta e o maior poder de inebriedade vão concorrer para sua preferência, o que causou um impacto drástico no regime etílico desses povos na medida em que destituiu os referenciais simbólicos e interditos que circundavam o consumo, dando lugar a episódios rotineiros de intoxicação alcoólica. Além disso, os destilados desempenharam um papel importante no processo de dominação colonial, os europeus utilizaram-nos como métodos para que os nativos se sujeitassem a sua dependência tanto “na África, na Amazônia, no Brasil a cachaça se afirmou como um produto essencial no contato inicial do colonizador e de seus agentes com os nativos” (ALENCASTRO, 2000, p. 317).

A crescente produção e comercialização das bebidas alcoólicas consequente a Revolução Industrial - modernização das técnicas de produção e redução dos preços - favoreceram o uso indiscriminado e generalizado do álcool. O uso abusivo, particularmente das bebidas destiladas nas grandes cidades europeias e norte-americanas deflagrou reações da sociedade burguesa capitalista que reclamou medidas de contenção (SALES, 2010).

Na metade do século XIX, a criminalização e medicalização do álcool apresentaram-se como medida de primeira instância para o corpo produtivo, que segundo Foucault (1979), será a preocupação da medicina desse período, que colocou o problema do corpo, da saúde e do nível da força produtiva dos indivíduos como um problema de primeira instância. A produção discursiva antialcoólica ao propagar o ideal de trabalhadores sóbrios, disciplinados, responsáveis pelo sustento da família e pela manutenção da ordem, estava em função de um mercado produtivo que primava por corpos saudáveis e potencializados. (SALES, 2010).

No Brasil, o alcoolismo, desde meados do século XIX, já se destacava como objeto de teses médicas na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e da Bahia, dentre as quais o tema em questão situava-se muitas vezes na fronteira entre o estatuto terapêutico e nocividade das bebidas alcoólicas. A intervenção sobre o uso das bebidas alcoólicas aqui ocorre no final desse período tornando-se mais sistemática no início do XX, influenciada pelo alienismo francês e numa conjuntura caracterizada pela progressiva emancipação dos escravos e o crescente aumento das imigrações, pelo regime republicano e pela tentativa de elevar o país à categoria de “civilizado” (SALES, 2010, p. 199). O consumo de álcool constituía uma ameaça à estrutura social, dado que era julgado como corruptor dos trabalhadores, segundo Sales (2010), pois o homem deixava de cumprir com seus deveres de pai, de chefe familiar, de “civilidade” e patriotismo. O trabalho era reconhecido como

elemento fundamental para o progresso do Brasil, sendo o trabalhador o elemento básico de toda essa estrutura e o alcoolismo sua corrosão.

## E na pandemia da COVID-19?

Em dezembro de 2019, em Wuhan, foi descoberto um patógeno perigoso contraído por meio de contato: a síndrome aguda grave do coronavírus-2 (SARS-CoV-2), conhecido por causar a COVID-19, uma doença que foi declarada como pandêmica no início de 2020 pela Organização Mundial de Saúde (OMS). Como não havia uma vacina ou medicamento, naquele momento, foram essenciais os protocolos preventivos para evitar a transmissão da COVID-19, a fim de minimizar a sua propagação.

Os órgãos de saúde de vários países, diante dos perigos impostos pelo novo vírus, promoveram e incentivaram a higiene das mãos através do uso de produtos antissépticos. Os antissépticos e higienizantes estão comercialmente disponíveis em vários tipos e formas, como sabonetes antissépticos, géis para as mãos à base de água e álcool, desinfetante líquido, entre outros.

Formulações a base de álcool foram amplamente recomendadas para auxiliar na prevenção de contaminação humana por microrganismos, como vírus e bactérias. (ANDRADE et al, 2007). Com o surto da COVID-19, os antissépticos à base de álcool se tornaram a mais comum alternativa para a limpeza das mãos (PASQUINI, 2020). Esse fato aumentou a demanda por álcool 70°, principalmente em gel, provocando o desaparecimento do produto das prateleiras de lojas, farmácias e supermercados e, conseqüentemente, o aumento do valor do produto.

Devido à função antisséptica e higienizante do álcool 70°, seu uso também foi amplamente recomendado pelo governo federal, estados e municípios nos protocolos sanitários de prevenção à Covid-19 para as instituições de ensino. O álcool 70° era frequentemente recomendado nesses protocolos para: ser disponibilizado nos veículos de transporte escolar para que os estudantes e operadores pudessem higienizar as mãos ao entrar e sair do veículo; ser utilizado na higienização das mãos após tossir, espirrar usar o banheiro, tocar em dinheiro, manusear alimentos, manusear lixo ou objetos de trabalho compartilhados, tocar em superfícies de uso comum, e antes e após a colocação da máscara ( de uso obrigatório no período da Pandemia); higienização das mãos durante a entrada e saída da unidade escolar; higienizar o termômetro; higienizar as mãos na biblioteca antes e depois de manusear o acervo; higienizar as mãos antes e depois dos intervalos das refeições.

### Álcool

João

Quero dizer que este álcool que desce  
Me engrandece demais  
No fim da noite, eu te chamo e  
Não quero mais ninguém

Meu bem, meu bem, meu bem

Quanto mais eu bebo, mais eu fico só  
Todos teus problemas eu já sei de cor  
Eu não quero mais beber assim  
Na esperança de te ter pra mim  
[...]

João Vitor Romania Balbino é cantor e compositor. Começou a se interessar pela música na infância, seguindo carreira ainda na juventude. Ganhou popularidade no YouTube, com um canal de covers. Entre os lançamentos autorais, títulos como Dança pra Mim, Ressaca, Álcool e Imaturo formaram seu primeiro EP, Primeiro Acústico, lançado em 2018

### Fontes

ALENCASTRO, Luiz Felipe de. O Trato dos Viventes: formação do Brasil no Atlântico Sul. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

ANDRADE, D.; SANTOS, L. S.; OLIVEIRA, B. A.; BERALDO, C. C. Álcoois: a produção do conhecimento com ênfase na sua atividade antimicrobiana. Medicina Ribeirão Preto. v. 35, n. 1, p. 7-13, 2002.

BALBINO, João Vitor Romania. Álcool. São Paulo. Disponível em: <<https://www.lettras.mus.br/jao/alcool/>>. Acesso em: 20 nov. 2023.

BRAUDEL, Fernand. Civilização Material e Capitalismo, séculos XV- XVIII. Volume. I: As estruturas do cotidiano. Rio de Janeiro: Edições Cosmos, 1970.

CARAVAGGIO BIOGRAFIA. UOL Educação. Consultado em 9 de julho de 2022.

CARNEIRO, Henrique. Pequena Enciclopédia da História das Drogas e Bebidas: história e curiosidades sobre as mais variadas drogas e bebidas. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005

DA CUNHA, Antonio Geraldo. Dicionário etimológico da língua portuguesa. Lexikon Editora, 2019.

DE SÁ-CARNEIRO, Mário. Mário de Sá Carneiro. Editora Iris, 1962.

FERREIRA, A. B. H. Novo Aurélio séc. XXI: o dicionário da língua portuguesa. 3.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

FIOCRUZ (2020). Promoção da Saúde e a Comissão Interna de Saúde e Ambiente Escolar no contexto da COVID-19. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/44977> Acesso em: 11 de janeiro de 2022.

FLANDRIN, Jean-Louis; MONTANARI, Massimo (Orgs). História da alimentação. São Paulo: Esloação Liberdade, 1998.

FOUCAULT, Michel. História da sexualidade: o uso dos prazeres. 10ª ed.- São Paulo: Graal. Vol.2, 2003.

FOUCAULT, Michel. Microfísica do Poder. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

GRAZIANO, M. U.; GRAZIANO, K. U.; PINTO, F. M. G.; BRUNA, C. Q. M.; SOUZA, R. Q.; LASCALA, C. A. Eficácia da desinfecção com álcool 70% (p/v) de superfícies contaminadas sem limpeza prévia. Revista Latino-Americana de Enfermagem. v. 21, n. 2., p. 1-6, 2013.

GENZ, T. B.; CALLAI, T. SCHLESENER, V. R. F.; OLIVEIRRA, C. F.; RENNER, J. D. P. Eficácia antibacteriana de agentes de limpeza na desinfecção de superfícies de consultórios odontológicos. Revista da Faculdade de Odontologia. v. 22, p. 162-166, 2017.

MASUR, Jandira. O que é alcoolismo. São Paulo: Brasiliense, 1991.

MELO NETO, João Cabral. Poesia completa. Org.: Antonio Carlos Secchin. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2014. Lisboa: Glaciar, 2014.

PASQUINI, Celio et al. Monitoramento da qualidade de desinfetantes para as mãos à base de etanol por espectroscopia de infravermelho próximo de baixo custo. Microchemical Journal v. 159, pág. 105421, 2020.

SALES, Eliana. Aspectos da história do álcool e do alcoolismo no século XIX. Cadernos de História UFPE, v. 7, n. 7, 2010.